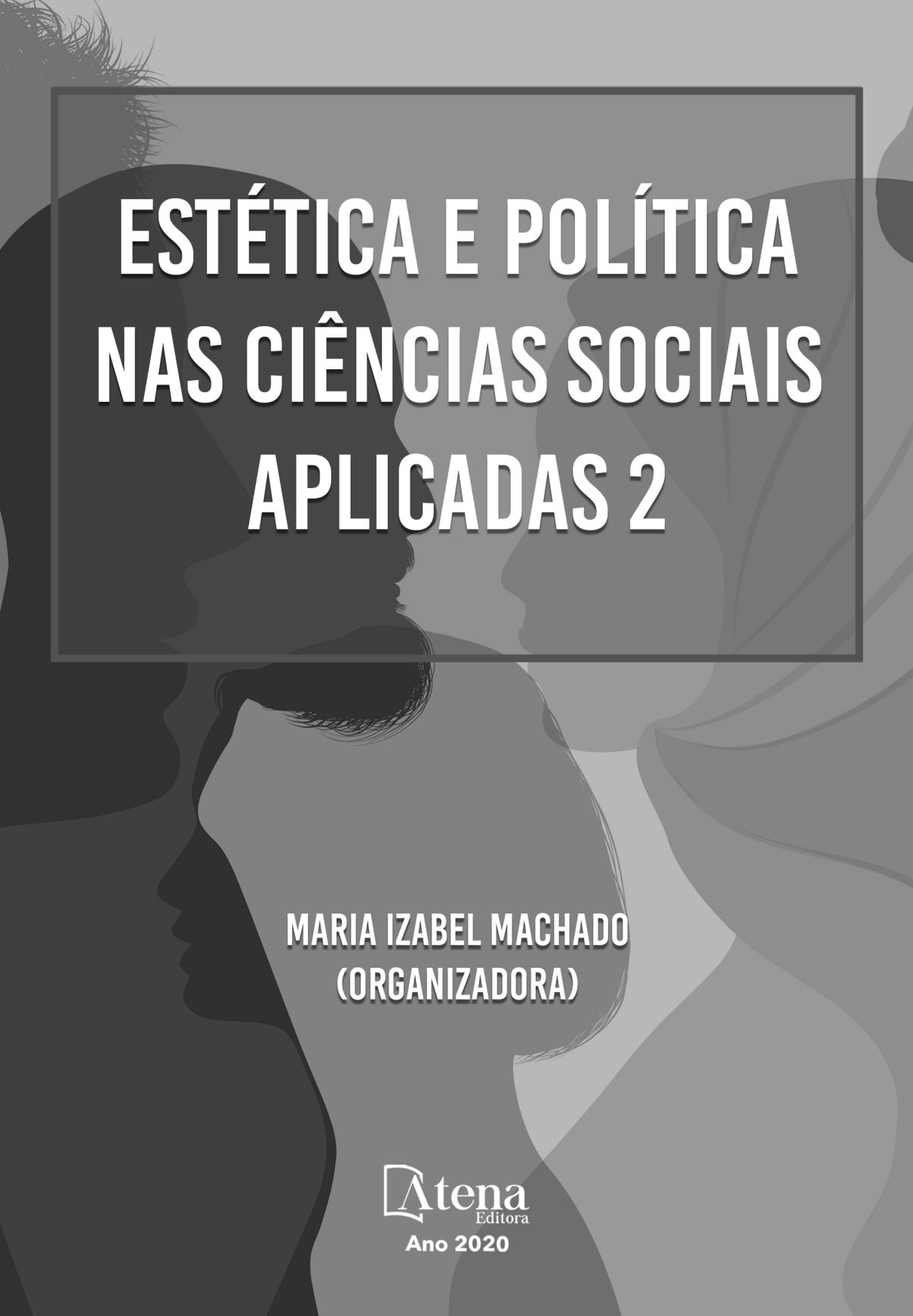


ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

**MARIA IZABEL MACHADO
(ORGANIZADORA)**

 **Atena**
Editora

Ano 2020



ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

**MARIA IZABEL MACHADO
(ORGANIZADORA)**

**Atena**
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadora: Maria Izabel Machado

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E79 Estética e política nas ciências sociais aplicadas 2 /
Organizadora Maria Izabel Machado. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-597-6

DOI 10.22533/at.ed.976201811

1. Ciências Sociais Aplicadas. 2. Estética. 3. Política. I.
Machado, Maria Izabel (Organizadora). II. Título.

CDD 300

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

A obra “Estética e Política nas Ciências Sociais Aplicadas 2” tem como foco principal apresentar discussões, debates e análises que transitam entre representações, modos de vida, urbanidade e análises socioeconômicas.

O volume abordará de forma categorizada e interdisciplinar trabalhos, pesquisas, relatos de casos e/ou revisões que transitam nos vários caminhos da análise de mídias à estudos de viabilidade empresarial.

O objetivo central foi apresentar de forma categorizada e clara estudos desenvolvidos em diversas instituições de ensino e pesquisa do país, contando ainda com uma colaboração internacional. Em comum aos trabalhos temos a linha condutora de pensar caminhos possíveis no direito, na vida urbana, na viabilidade econômica de empresas e medias cidades.

Temas diversos e interessantes são, deste modo, discutidos aqui com a proposta de fundamentar o conhecimento de acadêmicos, mestres e todos aqueles que de alguma forma se interessam pelo diálogo interdisciplinar no campo das ciências sociais aplicadas.

Deste modo a obra “Estética e Política nas Ciências Sociais Aplicadas 2” apresenta um conjunto interessante de capítulos que contaram com diferentes abordagens metodológicas e um amplo panorama teórico conceitual, oportunizando ainda aos leitores um passeio pelas diversas instituições aqui representadas por seus autores e autoras. Convido então, cada um e cada uma a esse passeio pelas páginas e seus conteúdos.

Maria Izabel Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A VIOLÊNCIA CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES A PARTIR DA ABORDAGEM MÍDIÁTICA DO MASSACRE DA CANDELÁRIA

Gisele Ferreira Kravicz

DOI 10.22533/at.ed.9762018111

CAPÍTULO 2..... 10

O CAMPO RELIGIOSO: A IGREJA CATÓLICA E OS ELEMENTOS CONSTITUTIVOS DA REPRESENTAÇÃO

Gisele Ferreira Kravicz

DOI 10.22533/at.ed.9762018112

CAPÍTULO 3..... 21

O CAMPO PEDAGÓGICO E OS SUJEITOS DO ENSINO JURÍDICO: NOVOS PERCURSOS PEDAGÓGICOS PARA O CURSO DE DIREITO

Ana Cristina Tomasini

DOI 10.22533/at.ed.9762018113

CAPÍTULO 4..... 32

GASTRONOMIA TÍPICA: IDENTIFICAÇÃO DE PRODUTOS POTENCIAIS PARA BUSCA DE REGISTRO EM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA (IGS)

Fátima Regina Zan

Juliana Rose Jasper

Rosângela Oliveira Soares

Cláudio Gabriel Soares Araújo

Alice Leoti Silva

Carmen Regina Dorneles Nogueira

DOI 10.22533/at.ed.9762018114

CAPÍTULO 5..... 42

CONTROLE E ENRAIZAMENTO SOCIAL DA VIDA ECONÔMICA NA ILHA GRANDE, ANGRA DOS REIS/RJ: UMA ABORDAGEM À LUZ DA SOCIOLOGIA ECONÔMICA

Diná Andrade Lima Ramos

Lamounier Erthal Villela

DOI 10.22533/at.ed.9762018115

CAPÍTULO 6..... 60

TENDÊNCIAS RECENTES DOS ESTUDOS DE CIDADES MÉDIAS NO BRASIL: METROPOLIZAÇÃO DO ESPAÇO NA MICRORREGIÃO DE CONSELHEIRO LAFAIETE, CONGONHAS-MINAS GERAIS

Mariza Ferreira da Silva

DOI 10.22533/at.ed.9762018116

CAPÍTULO 7..... 75

ANÁLISIS CORRELACIONAL ENTRE MIGRACIONES, VALORES Y ESTILOS DE VIDA

Víctor Renobell Santaren

Silvia Fuentes de Frutos

DOI 10.22533/at.ed.9762018117

CAPÍTULO 8..... 93

AVALIAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA DE UMA EMPRESA DO RAMO COMERCIAL

Geovana Aparecida Pires Chagas

Jucilene Nazaré

Elizangela Aparecida Scarpim

João Francisco Morozini

DOI 10.22533/at.ed.9762018118

SOBRE A ORGANIZADORA..... 106

ÍNDICE REMISSIVO..... 107

ANÁLISIS CORRELACIONAL ENTRE MIGRACIONES, VALORES Y ESTILOS DE VIDA

Data de aceite: 01/10/2020

Víctor Renobell Santaren

Universidad internacional de la Rioja
<http://orcid.org/0000-0001-6617-5020>

Silvia Fuentes de Frutos

Universidad internacional de la Rioja
<http://orcid.org/0000-0002-0552-8280>

RESUMEN: Este trabajo tiene como objetivo entrever la relación causal entre migraciones y estilos de vida. Desde una perspectiva comparada se analizan los diferentes estilos de vida y se plantea su correlación causal con la mirada sobre las migraciones en el mundo contemporáneo. Se define el concepto modular de estilos de vida y a continuación se desarrollan los parámetros principales del mismo en las diversas sociedades del mundo contemporáneo. Para enlazar los estilos de vida actual se analizan a través de la encuesta de valores las diferentes tipologías causales de los principales valores contemporáneos. Se han aportado las ideas principales de Kirchmeyer (1992 y 1993), Loscocco & Roschelle (1991), Sorcinelly & Near (1989) Champoux (1980 y 1981), (Kabanoff, 1980), Miessner (1971), O'Reilly & Roberts (1975), Kabanoff & O'Brien (1980), O'Driscoll (1992), Iris (1993) Weirner (1992), Glover (1978) Judge (1977 y 1993) así como Calle, (2000) y Loehr (1986, 1993). Y como resultado se observa el decálogo de los estilos de vida a los que se tienen que adaptar el inmigrante cuando

llega a alguno de estas naciones o países referidos en el análisis.

PALABRAS CLAVES: estilos de vida, valores sociales, sociedad de consumo, inmigración

ABSTRACT: This work aims to glimpse the causal relationship between migrations and lifestyles. From a comparative perspective, the different lifestyles are analyzed and their causal correlation is proposed with the view on migrations in the contemporary world. The modular concept of lifestyles is defined and its main parameters are then developed in the various societies of the contemporary world. To link current lifestyles, the different causal typologies of the main contemporary values are analyzed through the survey of values. The main ideas of Kirchmeyer (1992 and 1993), Loscocco & Roschelle (1991), Sorcinelly & Near (1989) Champoux (1980 and 1981), (Kabanoff, 1980), Miessner (1971), O'Reilly & Roberts (1975), Kabanoff & O'Brien (1980), O'Driscoll (1992), Iris (1993) Weirner (1992), Glover (1978) Judge (1977 and 1993) as well as Street, (2000) and Loehr (1986, 1993). And as a result, the decalogue of the lifestyles to which the immigrant has to adapt when he reaches one of these nations or countries referred to in the analysis is observed.

KEYWORDS: lifestyles, social values, consumer society, immigration

1 | INTRODUCCIÓN

Los estilos de vida son formas naturales de comportamientos colectivos. Y los comportamientos están socializados según las

comunidades y las culturas determinadas (Giddens, 2015). Desde este punto de vista las migraciones son procesos que pueden variar y/o modificar un estilo de vida determinado. En este análisis hemos reflejado los principales estilos de vida relacionados con las culturas mayoritarias. Y a partir del estilo de vida hemos analizado la correlación de este con los procesos migratorios en la actualidad. Los procesos migratorios han sido y son moneda de cambio de gobiernos y mandatarios. El 3,5 de la población mundial es migrante (Datos del Banco Mundial, 2017). Bajo este panorama global este estudio analiza las condiciones de estilos de vida que podemos encontrar en varias regiones del mundo y establece un análisis de los valores sociales y creencias que pueden ayudar a entender porque el inmigrante tiene diferentes perspectivas según los valores de cada zona del mundo y los estilos de vida asociados. El inmigrante tiende a buscar estilos de vida similares para poder socializarse mejor con los grupos de referencia de cada país o nacionalidad.

El principal objetivo es describir las condiciones de vida que marcan los valores y creencias de cada sociedad y de cada estilo de vida determinado. Bajo este prisma se analizan los valores y creencias, se categoriza los pilares fundamentales del análisis de estilos de vida en el mundo contemporáneo y se perfila la intersección entre valores, estilos de vida e inmigración.

2 I ¿QUÉ SON LOS ESTILOS DE VIDA?

Explica Díaz (2005) que, históricamente, el estilo de vida ha definido un estado de salud óptimo y por tanto se ha asociado con la prevención de la enfermedad o del riesgo que pueda comprometer al organismo. Algunos de los estudios que han contribuido a la prevención de ciertos estilos de vida han puesto el acento en la seguridad de los vehículos y la conducción temeraria, en el consumo de alcohol y drogas, en el tabaquismo, en el sobrepeso y el sedentarismo, en la promiscuidad que pueda extender las enfermedades de transmisión sexual, en el mal uso y tenencia de armas de fuego, en la sobremedicación y el abuso de fármacos sin prescripción médica, etc. Campañas como la que incentivaba el uso del cinturón de seguridad, de la práctica sexual con medios profilácticos o el manejo del estrés son el resultado de algunos de estos estudios. Coreil (1985, citado por Díaz, 2005:178) definió el estilo de vida como el conjunto de patrones que, de manera regular y acostumbrada, generan conductas específicas de vida. Dichos patrones pueden no ser del todo saludables porque ponen en peligro la salud o la supervivencia del propio organismo. Giddens (1995, citado por Díaz, 2005:178), en cambio, sostiene que es el trabajo lo que condiciona los estilos de vida porque abren más o menos posibilidades a mejores condiciones de vida. Asimismo, según este autor, la selección de determinado estilo de vida se verá influida por la presión del grupo al que se pertenece, por identificación con algún modelo de referencia, por las posibilidades socioeconómicas o por decisión familiar.

Los investigadores Kirchmeyer (1992 y 1993), Loscocco & Roschelle (1991),

Sorcinely & Near (1989) Champoux (1980 y 1981), (Kabanoff,1980), Miessner (1971), O'Reilly & Roberts (1975), Kabanoff & O'Brien (1980), O'Driscoll (1992), Iris(1993) Weirner (1992), Glover (1978) Judge (1977 y 1993) así como Calle, (2000) y Loehr (1986,1993) han realizado una revisión sobre un tema particular dentro de las actividades no relacionadas al trabajo, la importancia de la actividad física en el individuo , la relación entre el trabajo y la vida fuera del trabajo, las actitudes en el trabajo y su relación a la participación social. Estos estudios han provocado un interés en las empresas hacia una búsqueda por alternativas de distintas actividades para fomentar una mayor productividad. Las empresas reconocen que el invertir en estilos de vida saludables redundara en una mayor producción. En el Behavioral Risk Factor Surveillance System (BRFSS) del año 2000 sostiene que la actividad física como un estilo de vida ha sido promulgada para mejorar la salud, mientras que la tendencia hipocinética es lo inverso.

Para Diaz (2005) que variables personales como la formación académica, la edad, el género, el lugar de residencia, el nivel socioeconómico o el estado civil pueden condicionar unos u otros estilos de vida, además de otros factores de tipo cultural, de poder y autoridad o del ámbito religioso y político. A nivel colectivo, la familia, el grupo de pertenencia, la relación que establece el individuo con las figuras de autoridad y con otros vínculos sociales también van a ser un acicate para reconducir un estilo de vida hacia un lado u otro. Díaz (2005:178) pone la atención también en la relación que se da entre un tipo de personalidad y el tipo de ocupación laboral que desempeña, tomando como punto de partida la lectura que se hacía del estilo de vida burgués preocupado por el significado humano que se deriva de la propia posición que se ocupa en la sociedad.

Como resumen podemos decir el análisis de los estilos de vida algo importante estudio de las ciencias sociales. Los estilos de vida son la parte más práctica y el resultado de la estructura social de un país o una región de terminado. Cómo hemos visto a lo largo de los temas de esta asignatura hay cuatro aspectos principales incluyen en el estilo de vida desde un punto de vista más macro-social. Nos referimos al entorno político, entorno económico, entorno de creencias y el entorno global o internacional. Estos cuatro entornos marcan el envoltorio de los estilos de vida.

Pero desde el punto de vista micro-sociales podemos analizar varios aspectos muy concretos de cada una de las sociedades. Veamos ahora un listado de las variables claves en el análisis de los estilos de vida de una sociedad o un grupo determinado:

- a. Ejercicio físico
- b. Alimentación diaria
- c. Posibilidades laborales y horarios laborales
- d. Posibilidad de estudios y aprendizaje

- e. Relaciones sociales y amigos
- f. Relaciones sexuales
- g. Uniones, familia y matrimonio
- h. Ocio y tiempo libre
- i. Capacidad de consumo/endeudamiento
- j. Libertad de acción y pensamiento

Analizaremos ahora cada una de estas variables para ver hasta qué punto ayuda a definir el estilo de vida de una sociedad o de un grupo. Todas ellas marcan el estilo de vida de una sociedad todas ellas vienen definidas por la estructura social y las variables macro sociales.

- a. **Ejercicio físico:** cómo hemos visto en los estudios anteriores la actividad física es uno de los componentes claves de la salud tiene sentido es una de las variables principales de los estilos de vida y la calidad de vida.
- b. **Alimentación diaria:** la alimentación sería otro de los hechos principales que marcan los estilos de vida y la calidad de vida de una persona. El análisis de alimentación y las posibilidades de alimentación de un grupo de personas marcan sustancialmente el estilo de vida terminado de ese grupo.
- c. **Posibilidades y horarios laborales:** las posibilidades laborales y los horarios laborales es otra de las características de las variables principales que marcan los estilos de vida de una población. En este ámbito está también lo que se llama la conciliación de la vida laboral con la vida familiar que tendrá que ver con la falta de relación en el entorno laboral y la vida familiar o privada.
- d. **Posibilidad de estudios y aprendizaje:** el nivel de estudios de una población y las posibilidades de estudio aprendizaje es otra de las variables que marcan los estilos de vida de una población.
- e. **Relaciones sociales y amigos:** las relaciones sociales y los amigos también es una variable importante en el análisis de los estilos de vida. Hay sociedades en las que esto tiene más importancia y otras en las que no es tan importante.
- f. **Relaciones sexuales:** este es otro de los aspectos hilo de vida y la calidad de vida psico emocional. Numerosos estudios actuales nos relacionan con la satisfacción personal y la felicidad.
- g. **Uniones, familia y matrimonio:** sin duda el ser humano tiende hacer uniones que se formaliza en el matrimonio y en familias.

- h. **Ocio y tiempo libre:** las capacidades y opciones respecto al ocio y al tiempo libre marca también el estilo de vida de una sociedad.
- i. **Capacidad de consumo/endeudamiento:** otro de los elementos claves es la capacidad de consumo y o de endeudamiento tienen las personas que viven en un entorno determinado. Sin dudar la capacidad de consumo marca muchos aspectos de nuestra vida y define el estilo de vida principal de una persona.
- j. **Libertad de acción y pensamiento:** la libertad de acción y pensamiento marcar al estilo de vida determinado de muchas personas. En sociedades más cerrada o autoritarias está variable es principal para analizar el estilo de vida de esa sociedad.

3 I ANÁLISIS DE VALORES Y CREENCIAS EN RELACIÓN A LOS ESTILOS DE VIDA

Cómo hemos ido viendo a lo largo de esta asignatura los sistemas de valores y creencias son importantes para definir la estructura social de una sociedad. Veamos ahora a qué nos referimos cuando hablamos de valores y creencias. Macionis y Plummer (2012:125) entienden por valores las pautas morales y los patrones abstractos que, en función de cada cultura y grupo social, tienden a juzgar lo que es bueno o malo. Por tal razón se puede decir que los valores desempeñan una función normativa. A diferencia de los patrones, las creencias son principios que las personas consideran como verdaderas, frente a otros que, si no coinciden con dichas premisas, serán desacreditadas por falsas o ajenas al ideario de esas personas. Tanto las creencias como los valores culturales influyen en la percepción del entorno y en el punto moral que se adopte frente al mundo y pueden venir más o menos implícitos en la familia, en la escuela o en las organizaciones religiosas, de acuerdo con unos principios aprobados institucional o colectivamente.

Podríamos decir que no existen unos valores y unas creencias universales, cada cultura y cada continente tiene unos valores que predominan por encima de otros. A pesar de ello los valores y creencias sí pueden analizarse y podemos ver los diferentes valores globales que podemos encontrar en el mundo contemporáneo.

El profesor de ciencias políticas Ronald Inglehart (2000:256) ha producido un importante, y polémico, cuerpo de evidencia acerca de “los diferentes tipos de valores que se aceptan en los seis continentes, en unos 60 países diferentes de todo el mundo, durante los últimos 20 años”. Según el resumen que hacen Macionis y Plummer (2012:126) del estudio de Inglehart, éste distinguió entre los valores tradicionales *versus* valores seculares-rationales, por un lado, y entre los valores de supervivencia frente a los valores de autoexpresión. Las sociedades seculares son mucho más flexibles y racionalistas que aquellas otras de corte tradicional, las cuales fundamentan sus principios apelando a una

raíces que se hunden en el pasado (sobre todo cuando la voz de autoridad proviene de la religión o de un líder autocrático), mientras que los valores de supervivencia estarían asociados a niveles subjetivos de bajo bienestar, a un estado de salud precario, a una confianza interpersonal más bien baja, a un énfasis en los valores materiales por encima de los inmateriales y a una cierta intolerancia hacia los grupos externos a la propia comunidad. En una línea similar se apuntarían los valores de autoexpresión, tan propias de las sociedades postmaterialistas y postmodernas, donde los valores individualistas cobran mayor significación que los colectivos.

Inglehart explica que en las sociedades industrializadas, una de las principales variaciones se encontró entre los grupos de edad. Entre los más mayores, la prioridad más elevada se concedía a la seguridad económica y física, pero los más jóvenes adoptan lo que Inglehart llama un punto de vista postmaterialista, donde temas como el medioambiente y el feminismo adquieren más importancia. Estos grupos más jóvenes dan más importancia a su propia identidad, a inventarla o expresarla según sus propios criterios.

La dicotomía entre valores postmaterialistas y valores postmodernos es otro de los ejes fundamentales que varios autores han analizado. Los jóvenes, y sobre todo aquellos que presumen de una mayor formación académica, son los que comparten valores postmodernos como el feminismo, el medioambiente o la elección de un estilo de vida muy característico, pero con un deje mucho más radical que los postmaterialistas, según apuntan Gibbins y Reimer (1999:103).

POSTMATERIALISTAS	POSTMODERNOS
Se mantiene valores esenciales	No hay valores esenciales: mezcla y correspondencia
Medioambiente y feminismo, etc..	Acuerdo, pero cambiando las formas y los debates
Valores eternos	Valores en continuo cambio que se adaptan a los grupos y a los individuos
Orden y pautas	Poco interrelacionados pero cada uno debe ordenarlos por sí mismo
Específicos	Forman un mosaico
Unidos	Imagen de internet, web (telaraña mundial)
Estables	En continuo cambio

Tabla 1: Comparativa valores postmaterialista y postmodernos

Fuente Gibbins y Reimer (1999)

Algunas fuentes para comprender los diferentes **valores culturales** son:

- Eurobarómetro, realizado en los países europeos desde 1973 (<http://ec.europa.eu/commfrontoffice/publicopinion/index.cfm/General/index>).

- Estudio Mundial de Valores (WVS por sus siglas World Values Survey), realizado desde 1981 (<http://www.worldvaluessurvey.org/>) .
- Estudios más específicos, tales como la encuesta de Actitudes Sociales Británicas (<http://www.bsa.natcen.ac.uk/>) o, en España, las encuestas del Centro de Investigaciones Sociológicas (<http://www.cis.es/>) .

Las World Values Surveys fueron diseñadas para proporcionar una medición completa de las principales áreas de interés humano, desde la religión hasta la política, la economía y la vida social. Dos dimensiones dominan la imagen: (1) Tradicional/secular-racional y (2) Valores materialistas/valores autoexpresivos.

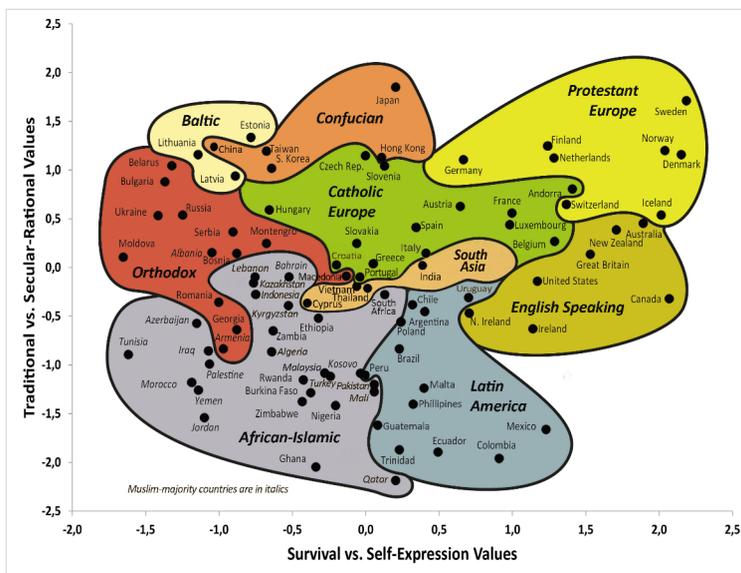


Gráfico 1: Estudio Mundial de Valores

Fuente: Inglehart-Welzel Cultural Maps of the World, http://www.worldvaluessurvey.org/images/Culture_Map_2017_conclusive.png

El mapa cultural global muestra cómo se ubican las puntuaciones de las sociedades en estas dos dimensiones. Avanzar hacia arriba en este mapa refleja el cambio de los valores tradicionales a secular-racional y moverse hacia la derecha refleja el cambio de los valores de supervivencia (materialistas) a los valores de autoexpresión. Los valores tradicionales enfatizan la importancia de la religión, los vínculos entre padres e hijos, la deferencia a la autoridad y los valores familiares tradicionales. Las personas que aceptan estos valores también rechazan el divorcio, el aborto, la eutanasia y el suicidio. Estas

sociedades tienen altos niveles de orgullo nacional y una perspectiva nacionalista. Los valores seculares-rationales tienen las preferencias opuestas a los valores tradicionales. Estas sociedades ponen menos énfasis en la religión, los valores familiares tradicionales y la autoridad. El divorcio, el aborto, la eutanasia y el suicidio se consideran relativamente aceptables. Aunque el suicidio no es necesariamente más común. Los valores de supervivencia (materialistas) ponen énfasis en la seguridad económica y física. Está vinculado con una perspectiva relativamente etnocéntrica y bajos niveles de confianza y tolerancia. Los valores de la autoexpresión otorgan alta prioridad a la protección del medio ambiente, la creciente tolerancia hacia los extranjeros, homosexuales y lesbianas y la igualdad de género, y las crecientes demandas de participación en la toma de decisiones en la vida económica y política.

Veamos algunos ejemplos analizados. Por ejemplo, en las sociedades que tienen porcentajes altos en valores tradicionales y de supervivencia. Esta característica la encontramos en países como Zimbabwe, Marruecos, Jordania, Bangladesh. Otro de los ejemplos es el análisis en las sociedades con altos porcentajes en valores tradicionales y de autoexpresión. Son ejemplos de esta opción países como los Estados Unidos, la mayor parte de América Latina, Irlanda. Otro ejemplo son las sociedades con altos porcentajes en valores secular-rationales y de supervivencia. Con esta característica encontramos países como Rusia, Bulgaria, Ucrania, Estonia. Y finalmente el ejemplo de sociedades con altos porcentajes en valores seculares-rationales y de autoexpresión. Destacan con estas características países como Suecia, Noruega, Japón, Benelux, Alemania, Francia, Suiza, República Checa, Eslovenia y algunos países de habla inglesa.

Para muchos científicos sociales la cultura es la llave para comprender cómo cambian y crecen las sociedades. Explican el hecho de que algunas se han convertido en naciones industrializadas y otras no, considerando sus valores esenciales. Creen que los valores esenciales moldean la sociedad. Weber veía que el nacimiento del capitalismo había tenido mucho que ver con el protestantismo a través de la ética protestante y Lawrence Harrison (Harrison y Huntington, 2000:299) sugiere que existen diferencias reales entre los valores de las que llama sociedades progresistas y sociedades estáticas. Las sociedades progresistas son las más industrializadas; las estáticas son aquellas que no han cambiado demasiado. Entre las diferencias en los valores menciona las siguientes:

1. **Educación:** es una llave hacia el progreso para las culturas progresistas, pero de importancia marginal, excepto para las elites, en las culturas estáticas.
2. **Orientación temporal:** las sociedades progresistas miran hacia el futuro, las estáticas miran hacia el pasado o el presente.
3. **Trabajo:** fundamental para las sociedades progresistas, pero a menudo una carga en las culturas estáticas.
4. **Frugalidad:** un valor principal para las sociedades progresistas (que conduce

a la inversión la seguridad financiera); a menudo una amenaza para las culturas estáticas.

5. **Mérito:** fundamental para el progreso en las culturas progresistas, mientras que lo que cuenta en las culturas estáticas son las relaciones personales y la familia.

6. **Comunidad:** en las culturas progresistas, la comunidad se extiende más allá de la localidad y de la familia; en las culturas estáticas, la familia circunscribe la comunidad.

7. **Ética:** más rigurosa en las sociedades avanzadas, mientras que la corrupción es mayor en las sociedades estáticas.

8. **Justicia y juego limpio:** expectativas impersonales universales en las culturas progresistas. En las sociedades estáticas, la justicia toma un rumbo u otro en función de las personas sobre las que se aplica y con quienes uno mantiene vínculos personales.

9. **Autoridad:** dispersa en las sociedades progresistas; concentrada en las sociedades estáticas.

10. **Secularización:** en las sociedades progresistas se ha reducido la influencia de la religión sobre la vida civil. En las sociedades estáticas, la religión tiene una influencia importante.

4 | VALORES EUROPEOS E INMIGRACIÓN

Siendo Europa tan grande y diverso, no es sorprendente que exista en el continente tal disparidad de valores y creencias culturales. En las últimas décadas, el flujo de inmigración ha aumentado aún más lo que Macionis y Plummer (2012:130) señalan como un “mosaico cultural” europeo. Estos autores sitúan un pilar para la constitución de los valores compartidos por toda Europa en el período de la Ilustración, a partir de las ideas concebidas por pensadores del siglo XVIII como Voltaire, Hume o Diderot. De esta fragua filosófica surgirán importantes reformas a nivel social que promovieron la implementación de la razón y de la ciencia en todas las esferas de la sociedad, logrando grandes cambios a nivel de progreso, desarrollo, industria, educación, urbanismo, política y sanidad, entre otros. El ciudadano medio se sentirá a partir de entonces parte responsable de su propio futuro y del de la sociedad, ejerciendo un control racional sobre el mundo con el fin de mejorarlo. En segundo lugar, Macionis y Plummer (op. cit.) mencionan la influencia de la religión judeo-cristiana, como prueban valores inviolables como la celebración de la Navidad y festividades como la Semana Santa, estrechamente vinculados a los valores, la cultura, el folklore y la identidad social de muchos países europeos. Por último, Macionis y Plummer señalan el concepto de ciudadanía, nacida a rebufo del desarrollo de los Estados nacionales y del principio de jerarquía, extendiéndose de manera más o menos implícita la sumisión a unos patrones estructurales en la sociedad según los cuales unos ciudadanos

atienden a su propia posición social como un grado superior o inferior en función del escalafón que ocupan, herencia evidente de los valores que se transfirieron del sistema feudal y aristocrático que durante siglos caracterizó la idiosincrasia europea y que derivó históricamente en el sistema de clases que ha perdurado hasta el declive del comunismo en media Europa.

También los valores culturales pueden ser incoherentes e incluso abiertamente contradictorios (Lynd, 1967; Bellah et al., 1985). Los ciudadanos europeos se encuentran divididos entre la actitud de *yo primero* propia de una forma de vida individualista y la necesidad opuesta de pertenecer y contribuir a una *comunidad* mayor. Igualmente creen en la igualdad de oportunidades, para inmediatamente después cambiar de opinión y juzgar a otros por su etnia, género u orientación sexual. La incoherencia de los valores refleja la diversidad cultural de la sociedad y el proceso de cambio cultural por el cual nuevas tendencias suplantando a viejas tradiciones. A grandes rasgos, la cultura europea es claramente diferente de las culturas asiáticas.

Bajo estas características encontramos que los procesos migratorios de esta región responden a características comunes. Los valores religiosos citados hacen que el extranjero sea siempre visto como un enemigo hasta que no incorpora bienes materiales que puedan garantizarse la vida plena. Bajo la ciudadanía de estas naciones están las prácticas de enculturación ofreciendo servicios formativos destinadas a la adaptación del extranjero a las condiciones de vida del resto de la sociedad. Los países con altos índices de migrantes sufren procesos de adaptación-negación de los extranjeros. El principio de jerarquía queda así impuesto bajo condiciones capitalistas donde el que menos tiene ocupa el nivel más bajo de la pirámide social. Y necesita una adaptación basada en mejorar económicas y sociales para adquirir el rango de ciudadano de pleno derecho y asumir los valores sociales descritos anteriormente.

5 | VALORES ASIÁTICOS E INMIGRACIÓN

En la década de 1990 se abrió un tenso debate que mantenía entre Europa y Asia respecto a los principales valores que caracterizaban al mundo oriental en contraste con el occidental. Macionis y Plummer (2012:130) los enumeraron como sigue: creencia en la fortaleza de las familias, reverencia por la educación, el trabajo duro como virtud, virtud del ahorro y la frugalidad, contrato social entre las personas y el estado, los asiáticos del este practican el trabajo en equipo nacional, los buenos gobiernos necesitan la libertad de prensa, los ciudadanos pueden participar en el país, los gobiernos deben mantener un ambiente moral sano, y desconfianza de las formas de individualismo extremas.

Todas estas diferencias significativas dan lugar a valores y creencias antagónicas que marcaran dos estilos de vida muy diferenciados. La estructura social de una y otra cultura son muy diferentes y se fundamentan y ejemplifican en valores tan diferentes como

los que hemos visto y que reflejan los estudios sobre valores y diversos autores como Dicken (2004, p. 569) y después de Koh y Mahbubani (2002).

Como se observan muchos valores van encaminados al trabajo como eje vertebrador del poder social. Con estos valores en alza la inmigración solo tiene un sentido, y es poder colaborar al trabajo y engrandecer el país. Fuera de todo este sentido socio-laboral el inmigrante cae en un pozo vacío sin sustento social. El sentido de padre protector del Estado está dirigido al conjunto de familias autóctonas siendo los extranjeros apartados del sentido de país y de sociedad.

6 | SOCIEDAD DEL CONSUMO E INMIGRACIÓN

En la sociedad occidental contemporánea, el principal eje que articula la producción son las prácticas de consumo. El sociólogo y antropólogo Marcel Mauss ya sugirió que el consumo debía ser entendido como un hecho social, pues plantea una realidad objetiva y material que es insoluble de otra dimensión simbólica, pues pone en circulación estrechos vínculos entre los valores y el sentido que se les otorga a los objetos y a las actividades de consumo desde cada grupo social. Los grupos sociales que se vinculan a través de esos objetos y prácticas de consumo invierten muchos recursos (económicos, temporales y afectivos) para crear, modelar y estructurar buena parte de su propia identidad y los modos de expresión que les distingue de otros grupos sociales. Así, dice Mauss, debería entenderse el consumo como una dialéctica que plantea la significación de los sujetos sociales implicados alrededor de ciertas prácticas comunes (Alonso, 2007:15).

Más bien hay que considerar al consumo como uso social, esto es, como forma concreta, desigual y conflictiva de apropiación material y utilización del sentido de los objetos y los signos que se producen en un campo social por parte de grupos sociales con capitales (económicos, simbólicos, sociales, culturales) distintos y desde posiciones sociales determinadas por el proceso de trabajo.

En lo que se refiere al consumo estrictamente hablando, Alonso (2007:16) identifica una serie de dinámicas que lo regulan: la fragmentación, la individualización, la virtualización y la globalización. Son la consecuencia del paso de un modelo adquisitivo segmentado a un universo social unificado por la compartimentación de los mismos referentes en materia de consumo. A su vez, el consumo de masas crea de manera paradójica la impresión de consumos distintivos; es decir, la adquisición de ciertos objetos de consumo sugiere diferencias entre las élites y los grupos sociales que se identifican por la ostentación de dichos objetos, asociados a un determinado estilo de vida.

Evidentemente nuestra sociedad de consumo ha cambiado y evolucionado. El llamado, en la literatura especializada, nuevo consumidor es un consumidor responsable, interesado en la seguridad, la simplicidad, los efectos sobre la salud, la buena relación calidad/precio, la información y el aprendizaje de los códigos ya muy complejos de los

mercados de productos. El nuevo modelo de consumidor que apunta Alonso (2007:17) presume de un mayor pragmatismo y conocimiento que el modelo tradicional, el cual respondía a una figura estereotipada de consumidor absolutamente dominado por las leyes del mercado. Este nuevo consumidor, no obstante, no puede entenderse de manera aislada, pues ha sido construido dentro de las alternativas que ofrece una vida en común. La educación, la movilización social y el conocimiento del ámbito real de elección en el mercado permitirían racionalizar mejor las esferas de consumo, lo cual debería provocar la necesidad de influir activamente en la responsabilidad política para que el consumidor no quede a merced de los intereses del mercado.

El mundo de la vida cotidiana es el ámbito moderno del consumo, pero también el marco de creación de nuevos movimientos sociales, de formas de convivencia, de métodos de conocimiento y autoconocimiento. Alonso (2007:17) advierte que las leyes de consumo están insertadas casi de manera íntima en todos los mecanismos de funcionamiento de la vida diaria, y no habla sólo desde el ámbito del mercado, sino de áreas como el bienestar, la educación y la salud, las cuales no pueden entenderse aisladamente sin atender a los valores de consumo. De paso, el autor insiste en que las políticas públicas deberían planificar la participación ciudadana en la toma de decisiones sobre las demandas sociales que a nivel de mercado cubren las necesidades que no cumplen las instituciones encargadas a tal fin.

7 | HABITUS Y SOCIEDAD GLOBAL

Según Chan y Goldthorpe (2007: 168), en la sociedad de consumo sostienen que existe un estrecho solapamiento entre la estratificación social y los gustos y hábitos culturales. Así justifican que los individuos que pertenecen a clases sociales altas ostenten gustos personales que se traducen en objetos de consumo típicos de una cultura de élite, mientras que los que provienen de los estratos más bajos consumen lo que se ha denominado baja cultura, cultura popular o cultura de masas. Ya en 1925, el filósofo José Ortega y Gasset proclamó en *La Deshumanización del Arte* que, a nivel sociológico, el arte moderno se caracteriza por dividir al público entre “los que entienden” y “los que no lo entienden”, lo que contribuye aún más a incentivar una distinción que parece extenderse hasta una concepción elitista de unos frente a otros. En contrapartida, aquellos que pertenecen al grupo de las élites culturales se revisten de un aura de superioridad que “contribuye también a que los mejores se conozcan y reconozcan entre el gris de la muchedumbre y aprendan su misión, que consiste en ser pocos y tener que combatir contra los muchos”. En resumen, tal distinción separa el orden de “los hombres egregios y el de los hombres vulgares”, rompiendo con la falsa utopía de “la igualdad real entre los hombres” (Ortega y Gasset, 2008: 48).

Es precisamente esta escisión la que Pierre Bourdieu examina, desde una

perspectiva más empírica, en su trabajo más importante, *La Distinction* (2006). Para este autor, existe una intrínseca correspondencia entre los hábitos y la clase social de los individuos. El resultado de esta relación es lo que se ha llamado *habitus* de clase, el cual implica un sistema de disposiciones que los individuos de un grupo social adquieren bajo las condiciones simbólicas y materiales en las que han crecido bajo el amparo de dicho grupo o clase social. En otras palabras, el *habitus* supone una unidad semántica que engloba todo un conjunto diverso de prácticas que circunscribe no sólo los intereses, sino también los hábitos de consumo y los valores culturales que dan identidad al grupo. El *habitus*, dice Bourdieu (2006:45), promueve también una violenta escisión entre los grupos sociales, ya sea a nivel simbólico o por un sentido de superioridad respecto al resto de grupos que se perpetua con la transmisión de sus propios valores entre los nuevos miembros que vayan llegando al grupo.

En un polo opuesto, más radical y propio de la postmodernidad —y por ende más individualista—, las bases del gusto y de los hábitos culturales no se relacionarían tanto con la estratificación social, sino con el ejercicio individual de la autorrealización. No tendría aquí tanto sentido la influencia del grupo social o del estatus en el estilo de vida, sino que los individuos adquieren mayor libertad para acceder a cualquiera de las opciones que se ofrecen en el medio social. Las colectividades servirían como plantillas de modelo para formar y recrear las identidades de los miembros que la componen con cierta flexibilidad (Giddens, 2014:267), pero sus estilos de vida serían más particulares que dependientes del *background* social del cual provienen. De hecho, el gusto por unas formas u otras de consumo favorecería la construcción de un tipo de identidad particular, según admite Bauman (2002:96).

Herrera (2010:9) no es tan optimista, pues considera que la dictadura del consumo de masas ha llevado a la sociedad actual a pasar del *poder elegir* al *tener que elegir* para afianzar necesariamente un estilo de vida que dote de sentido a la existencia de cada individuo. No se trata tanto de seguir ahondando en las teorías que critican el aburguesamiento de las clases obreras, sino de tratar de crear supuestos individualismos dentro de un mercado común de opciones y referentes. Contradiciendo lo que decía Bourdieu, la construcción del gusto no estaría tan limitada a cuestiones de índole estratificadora; no puede en tal caso restringirse lo que se entiende por *habitus* a una u otra clase, sino que cada individuo cree escoger libremente su propio estilo de vida dentro de un crisol que no es tan infinito como se presume, pues siempre se acaban homogeneizando en algunos conjuntos de valores y referentes dentro de una sociedad cada vez más globalizada.

En cambio, Chan y Goldthorpe (2007:170) son más partidarios de asumir una total independencia entre los hábitos y las prácticas de consumo que supuestamente doten de significado referencial con una función segregadora o excluyente entre los distintos grupos culturales. Estos autores no se fijan tanto en los estilos de vida, sino en los tipos de productos culturales que se consumen. Así, los que provienen de las clases altas no suelen

centrarse únicamente en los productos propios de su estrato social, sino que pueden consumir también ingentes cantidades de media y baja cultura, lo que supone una especie de consumo omnívoro o de un cierto gusto ecléctico, según observa Peterson (2005), mientras que las personas de estratos más bajos tan sólo se aficionan a una oferta de géneros, productos y servicios culturales muy ceñido, y rara vez acceden o tienen interés por acceder a una amplia gama de productos culturales de entre todos los existentes en su sociedad. Las clases bajas no suelen pasar de un consumo unívoro, apuntan Chan y Goldthorpe (2007:170).

8 | ESTILO DE VIDA NORTEAMERICANO

El estilo de vida americano está definido por los hábitos y creencias y la estructura social de los ciudadanos de ese país. Con una población de 324 millones de habitantes los estilos de vida que encontramos son diversos. Podemos resumir explicando que la sociedad norteamericana es una sociedad idealista caracterizada por las ideas de igualdad y responsabilidad social. Una población étnica muy dispersa, con orígenes dispares. Son recurrentes las luchas entre el gran grupo étnico afrodescendiente y los quién descendientes centroeuropeos. Y los estilos de vida marcan muy diferentes costumbres según el origen de cada uno.

Las estructuras familiares son rígidas y las redes de apoyo variables. El consumismo marca fuertemente la estructura y el hábito social de cada ciudadano. La dualidad marca mucho el carácter y el estilo de vida americano. Heredado de una época de bonanza y expansión el estilo de vida norteamericano está abierto a ser globalizador y cerrado en si mismo. Es una sociedad sedentaria y con una alimentación rápida. La comida no es el espacio de dialogo y de debate social. De amplias posibilidades laborales, pero sin horarios fijos y con gran predominancia de la vida laboral. A pesar de contar con un número grande de universidad los sistemas educativos son elitistas y para unos pocos. Las relaciones sociales son abiertas y necesarias para una sociedad tan dispar. Las uniones y matrimonios son el tipo de uniones principales y la familia siendo principal en la vida privada no llega a la importancia del estilo de vida europeo. El tiempo libre es más limitado y el ocio y la cultura se limita también a un estilo de vida muy determinado y elitista. Gran capacidad de consumo de todos sus ciudadanos y aun siendo grande la libertad de acción y de pensamiento tiene sus limitaciones en una sociedad predominantemente rígida.

9 | ESTILO DE VIDA EUROPEO

El continente europeo está formado con diversos países que tienen a homogeneizarse respecto a sus raíces judeo-cristianas. La estructura social fuertemente influenciada por la religión ha dado lugar a estilos de vida centrados en lo privado y la familia. El trabajo es uno de los ejes principales que junto al logro educativo y laboral ofrece un estilo de vida

determinado. De valores racionalista y sentido crítico profundo el estilo de vida europea se orienta al consumismo enriquecedor y a pautas de vida en sociedad.

Una sociedad cada vez más marcada por el culto a la salud y al ecologismo. Con un entorno laboral fuerte y unos horarios laborales fruto de las luchas sindicales de los siglos pasados. La familia y el espacio familiar es muy importante y en él se centra la mitad del tiempo de vida útil de los ciudadanos. Una sociedad con altos niveles educativos y interés por el aprendizaje. Racionalista y conservadora respecto a las relaciones sociales y de convivencia. Con un amplio escaparate de ocio y cultura. Las opciones culturales son muy amplias y consumidas por la comunidad asiduamente.

La capacidad de consumo en grande a pesar de las crisis cíclicas que acostumbran a azotar a las economías en expansión. Es una sociedad abierta al mundo y con vocación de apadrinar a otras sociedades emergentes. Con una amplia libertad de acción y de pensamiento debido a los siglos de democracia y de participación política activa.

10 | ESTILO DE VIDA ASIÁTICO

El estilo de vida asiático es diverso y desigual. Encontramos varios países con valores diferentes y sistemas políticos y estructurales heterogéneos. Pero construyendo un modo de vida y un estilo asiático diríamos que la sociedad asiática es una sociedad mas cerrada que las otras. Fruto de sistemas políticos cerrados y/o dictatoriales la ciudadanía tiene poco grado de libertad de acción y de pensamiento. Las creencias y la religión es muy importante y los estilos de creencia que ofrecen las diversas religiones orientales están centradas en la interiorización como eje principal. Así la vida social y la vida interior pueden ir por caminos diferentes. La alimentación es básica y funcional debido a sistemas económicos pobres o empobrecidos por cuestiones bélicas. Las posibilidades laborales son en cierta medida elitistas y poco amplias. Y cuentan con una vida dedicada al trabajo en todas sus funciones. LA vida privada y el ocio y la cultura ocupan un espacio muy pequeño en la vida y el estilo de vida asiático. Las relaciones sociales pocas y nulas fuera del ámbito laboral o familiar. La precariedad laboral hace que el poder de consumismo sea muy bajo.

11 | ESTILO DE VIDA AFRICANO

Finalmente, el continente africano está marcado por las guerras y las dictaduras por dominar un territorio cambiante e inerte. La climatología hace que el estilo de vida esté marcado por el cooperativismo y la confianza. Por esas razones climáticas y por el poco desarrollo industrial la alimentación escasea y la desnutrición es un aspecto importante. Las posibilidades laborales son pocas y están marcadas por las diferencias sociales. Una zona marcada por unos pocos ricos y la gran mayoría pobre hace que el estilo de vida esté muy dicotomizado.

La familia y las uniones son un eje principal e imprescindible para la supervivencia

social e incluso física. Como hemos comentado el cooperativismo y el intercambio son dos valores principales que se expanden en todos los ámbitos de vida. Desde la vida laboral hasta las relaciones sociales y las capacidades de consumo vienen determinadas por ese cooperativismo social. En muchos lugares las posibilidades de acción y pensamiento son pocas y predomina la migración hacia lugares con mejores condiciones de vida.

12 | CONCLUSIONES

Como se ha podido analizar la perspectiva de análisis de estilos de vida encaja perfectamente con el desarrollo de pautas y medidas de inmigración en la sociedad actual. Se ha descrito el análisis conceptual de estilo de vida bajo la mirada de la sociedad de consumo y se han descrito uno a uno los principales valores y estilos de vida de cada zona (Europa, Estados Unidos, Asia y África). Bajo las propuestas del mapa cultural global se han desencadenado las diferencias en un pleno análisis comparativo transnacional.

El estilo de vida se ha relacionado con el hábitus (Bourdieu) concepto que ayuda a entender la distinción de valores y saberes que explican la pluralidad de perspectivas entre los continentes analizados. Desde sociedades progresistas o sociedades arcaicas existen grandes diferencias que afectan de pleno a la inmigración. Motivo por el que lugares como Asia muestran menos deterioro social respecto a la inmigración y continentes como el europeo están en continuo proceso de reinterpretación-evasión de las pautas globales de migración.

Llegados a este punto la comprensión del fenómeno de la inmigración desde la perspectiva de los valores y creación y el estilo de vida configura un reto en las nuevas perspectivas políticas que acuna dichos países.

REFERENCIAS

Alonso, Luis Enrique (2007) Las nuevas culturas del consumo y la sociedad fragmentada. En *Pensar la Publicidad*, vol.I, n.2, 13-32

Beltrán, D. E. (2017). *Redes sociales virtuales como dispositivos mediáticos contemporáneos*. En Cuadernos de Lingüística Hispánica, (30), 105-123.

Bottomore, T. (1976). *La sociología como crítica social*. Barcelona: Península.

Boudon, R. (1981). *La lógica de lo social: introducción al análisis sociológico*. Madrid: Rialp.

Calhoun, Craig; Light, Donald; y Keller, Suzanne (2000) *Sociología*. Madrid: McGraw Hill.

De Miguel, J. (1998). *Estructura y cambio social en España*. Madrid: Alianza.

Elster, J. (1991). *El cemento de la sociedad: las paradojas del orden social*. Barcelona: Gedisa.

- Fundación Encuentro (2015) *Informe España 2015*. Edita Fundación Encuentro, Madrid
- García Ferrando, Manuel (Coord.) (2005) *Pensar nuestra sociedad*. Valencia: Tirant lo Blanch.
- Giddens, Anthony (1985). *El capitalismo y la moderna teoría social*. Barcelona: Labor.
- Giddens, Anthony (2000). *Un mundo desbocado. Los efectos de la globalización en nuestras vidas*. Madrid: Taurus.
- Giddens, Anthony (2014) *Sociología*, Alianza Editorial, España.
- Giddens, Anthony y Philip W. Sutton (2015) *Conceptos esenciales de sociología*, Alianza Editorial, España.
- Giddens, Anthony. (1995). *La constitución de la sociedad: bases para la teoría de la estructuración*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Giner, Salvador; Lamo De Espinosa, Emilio; y Torres Albero, Cristóbal (1998) *Diccionario de Sociología*. Madrid: Alianza Editorial.
- Herrera Gómez, M. y Pagés Luis, S. (2002). Libertad y orden en la acción social: una relectura de las aportaciones de Parsons. *Revista de Estudios Políticos*, 116, 145-166
- Herrera Usagre, Manuel (2010) Estratificación social y estilos de vida culturales. En *Documentos de trabajo* (Centro de Estudios Andaluces), Serie 2, N°. 4, págs. 1-53.
- Kerbo H. ,R. (2010) *Estratificación Social y Desigualdad*. Madrid: McGraw Hill .
- Lucas, A. (2010) *Estructura social. La realidad de las sociedades avanzadas*, Sevilla: Pearson-Prentice Hall.
- Luhmann, N. (1998). *Sistemas sociales: lineamientos para una teoría general*. Barcelona: Anthropos.
- Liotard, J. F. (1989). *La condición postmoderna*. Madrid: Cátedra.
- Macionis, John J. y Ken Plummer, (2012) *Sociología* (4ª Ed) Madrid: Prentice-Hall.
- Marsal, J. F. (1977). *Teoría y crítica sociológicas*. Madrid: Guadiana.
- Nisbet, R. (1976). *La formación del pensamiento sociológico*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Nisbet, R. (1976). *Cambio social e historia: aspectos de la teoría occidental del desarrollo*. Barcelona: Editorial Hispanoeuropea.
- Pino Artacho, J. (1990). *La teoría sociológica. Un marco analítico de la modernidad*. Madrid: Tecnos.
- Polanyi, K. (1989). *La gran transformación*. Madrid: La Piqueta.

Requena, Miguel; Leire Salazar y Jonas Radl, (2013) *Estratificación social*. Madrid: UNED-Mac Graw Hill.

Ritzer, G. (2001). *Teoría Sociológica Clásica*. Madrid: McGraw-Hill.

Rodríguez Ibáñez, J. E. (1989). *La perspectiva sociológica. Historia, teoría y método*. Madrid: Taurus.

Solé, C. (1976). *Modernización. Un análisis sociológico*. Madrid: Península.

Sorokin, P. (1961). *Achaques y manías de la sociología moderna y ciencias afines*. Madrid: Aguilar.

Tezanos, J. F. (2007). *La explicación sociológica*. Madrid: UNED.

Tocqueville, A. (1996). *El Antiguo Régimen y la Revolución*. México: Fondo de Cultura Económica.

Touraine, A. (1978). *Introducción a la sociología*. Barcelona: Ariel.

Zeitlin, I. (1981), *Ideología y Teoría Sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Adolescentes 10, 1, 3, 4, 5, 6, 7

B

Bens Simbólicos 10, 11, 14, 15, 20

C

Campos Sociais 12, 13

Candelária 10, 1, 3, 4, 6, 7, 8, 9

Catolicismo 10, 11, 20

Cidade Região 68

Comportamento 3, 18, 45, 46, 47, 54

Conflito 43, 44, 50, 52, 53

Contabilidade 104, 105

D

Direito 9, 10, 2, 3, 5, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 42

E

ECA 3, 4, 6

Empresa Religiosa 15

Ensino-Aprendizagem 23, 26, 27, 29, 31, 106

Ensino jurídico 10, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31

Escala de Urbanização 60, 62

Estilo de vida 76, 77, 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89, 90

G

Gastronomia 10, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41

Gastronomia Regional 32, 33

Geografia Urbana 60

Gestão Financeira 93

Gestão Social 42, 44, 56, 57, 58, 59

I

Igreja Católica 10, 10, 11, 19, 20

Indicação Geográfica 10, 32, 36, 37, 41

L

Legitimidade 10, 14, 15, 51

Liquidez 93, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104

M

Metropolização 10, 60, 64

Mídia 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9

Migrações 66

P

Periurbanização 60, 62, 63, 68, 69

Práticas Pedagógicas 27

R

Recursos Produtivos 42, 43

Rentabilidade 93, 96, 97, 99, 100, 101, 103, 104

Representação 10, 10, 11, 16, 17, 18, 19, 20, 37, 58

Rurbanização 65, 66, 67, 68

T

Território 33, 35, 37, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70

Turismo 5, 32, 33, 34, 35, 38, 40, 41, 42, 43, 44, 48, 49, 50, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59

U

Urbanização 50, 53, 60, 62, 67, 68, 69, 70

V

Violência Contra Crianças 10, 1, 7

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora

Ano 2020

ESTÉTICA E POLÍTICA NAS CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS 2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 